

GÄNGER, Stefanie & OSTERHAMMEL, Jürgen (eds.) (2024). *Rethinking Global History*. Cambridge: Cambridge University Press, 292 pp., ISBN 978-1-009-44402-6.

Na senda da História Global, Stefanie Gänger e Jürgen Osterhammel coordenaram um esforço coletivo de reavaliação teórica deste campo historiográfico, debruçando-se sobre instrumentos analíticos, referências conceituais e configurações metacognitivas que o atravessam. *Rethinking Global History* constitui uma reflexão epistemológica e sistematizadora, muito ausente no escopo da História Global, e representa um contributo decisivo para a formulação de abordagens metodológicas diversificadas que favoreçam trabalhos fundamentados e inovadores na área. Outro mérito do livro reside no vasto elenco de autores e publicações referenciados ao longo da exposição, reforçando o Estado da Arte elaborado, o qual é crítico, seletivo e abrangente – atravessando a década de 1980 à atualidade.

O carácter ambicioso desta obra coletiva materializa-se num conjunto de textos distribuídos por três partes distintas. Na primeira, “Forms of Inquiry and Argumentation”, discutem-se processos formais de questionamento e argumentação em ambiente historiográfico, problematizando-se a parametrização conceitual e a sua decorrente operacionalização. Jürgen Osterhammel, lembrando que todo o questionamento tende a reduzir a complexidade dos fenómenos e que a História Global contempla uma vastidão de temáticas e fontes, convida-nos a refletir sobre explicação histórica à luz desta tensão. Alessandro Stanziani versa sobre comparação à escala global e, reconhecendo a dificuldade de selecionar parâmetros neutros para comparar fenómenos diametralmente distintos, pretende superar exercícios de mera identificação de diferenças e semelhanças através de novos modelos comparativos. Christina Brauner foca-se numa dimensão temporal, averiguando a possibilidade de se estabelecerem periodizações com aspirações universais, num nível global, quando o mundo é trespassado por múltiplas temporalidades e culturas de tempo. Por fim, Pim de Zwart sublinha os méritos de integrar abordagens quantitativas na História Global, denotando que a quantificação fortalece empiricamente o campo e aproxima-o das humanidades digitais que, tantas vezes, lidam com números.

Na segunda parte, “Concepts and Metaphors”, os textos abordam questões que, tendo implicações de ordem metodológica, privilegiam uma dimensão émica do jargão utilizado nesta subdisciplina e realçam a relevância (e impactos) da linguagem figurativa (*Sprachbilder*) para a História Global.

Sujit Sivasundaram analisa a evolução do significado do conceito “global”, salientando a sua natureza artificial e contingente, e coloca-o em diálogo com outras áreas disciplinares, nomeadamente com a sociologia e relações internacionais. Valeska Huber salienta a pertinência dos historiadores globais recorrerem a um vocabulário que capte a natureza contraditória e conflituante da globalidade, sugerindo o uso do conceito de esfera em alternativa a termos como “conexão”, “circulação”, “integração” e respetivos antónimos. A concluir esta secção, Dániel Margócsy examina a transformação semântica do conceito de escala, questionando se existem, de facto, níveis de análise e, sobretudo, se há incompatibilidade entre os planos micro, macro e global.

Finalmente, “Configurations and Telos” procura resgatar os historiadores de representações mentais que muitas vezes não são problematizadas e, como tal, estão contaminadas de vieses, convidando à reflexão sobre direcionalidade e teleologia das Histórias Globais. Jan C. Jansen critica a presunção de uma integração global contínua e crescente e demonstra como pensar teleologia pode suscitar reflexões criativas sobre direcionalidade, coerência e processos no contexto da historiografia global. Jeremy Adelman discute a essência da noção de distância, afirmando que esta, não sendo apenas uma variável espacial, é, num mundo interligado, resultado de processos sociais que não podem ser desconsiderados pelo campo. Stefanie Gänger debruça-se sobre as bases implícitas que guiam os historiadores quando associam materialidade e cultura material a escalas e contextos de observação específicos, no âmbito global e particular. No último capítulo, Dominic Sachsenmaier desconstrói a premissa de que a História Global renuncia os “centrismos”, demonstrando um desfasamento entre as mudanças no pensamento teórico dos historiadores e as suas práticas concretas.

Embora com diferentes níveis de acuidade, os textos conciliam a problematização epistemológica com a apresentação de argumentos baseados em exemplos concretos, conferindo inteligibilidade às teses defendidas. Não obstante, realço os três textos que considero demonstrarem maior clareza e que, cumprindo o objetivo de reforçar a componente metodológica da História Global, mais contribuições trazem para esta subdisciplina e para a historiografia em geral.

O capítulo de Jürgen Osterhammel, “Explanation: the limits of narrativism in Global History”, é incontornável por incidir sobre uma operação primordial na historiografia: a explicação. Explicar historicamente significa tornar as fontes inteligíveis e descortinar as razões que desencadearam fenómenos ocorridos em determinados contextos espaciais, temporais, políticos, económicos, sociais e culturais, em suma, conferir sentido ao passado. Peran-

te a ausência de um carácter explicativo, a historiografia transforma-se numa narrativa descritiva, superficial e pouco útil à compreensão dos fatores estruturais e conjunturais que condicionaram a ação dos atores históricos. O autor, alinhando com esta ideia, defende que a explicação não deve ser negligenciada no âmbito da História Global, porque esta reduz a complexidade inerente à abundância de fontes no campo, sem resvalar para teorias monocausais. No entanto, este exercício implica escolhas difíceis: selecionar o que é relevante, ou seja, definir a origem do problema e os nexos de causalidade a perseguir; por outro lado, determinar a forma como explicamos.

De uma forma cristalina, Osterhammel constrói uma reflexão que desvenda o desinteresse dos historiadores globais nesta matéria – resulta da viragem narrativista na década de 1970, em detrimento da teoria analítica – e, simultaneamente, procura revertê-lo realçando as vantagens para a História Global de um ecletismo metodológico inspirado nos processos explicativos da sociologia. Em concreto, o autor explica como a Sociologia, através da definição precisa de fatores de análise e das suas relações, do uso do conceito de “mecanismos”¹ para conferir previsibilidade aos processos humanos e do recurso a técnicas de sequenciação para a compreender repetições e/ou mudanças temporais e conjunturais, prepara o terreno para narrativas de teor explicativo. Para ilustrar o seu argumento, Osterhammel invoca uma questão levantada por David Bell: o que se ganha ou perde em adotar uma perspetiva global na análise da Revolução Francesa? Esta interrogação, válida para qualquer fenómeno histórico que tenha sido considerado num âmbito não global, coloca em evidência a constatação de J. Osterhammel:

Se forem acrescentados fatores adicionais – neste caso, ‘globais’ – a um modelo explicativo, é necessário formular hipóteses que especifiquem de forma precisa as possíveis ligações causais entre os novos fatores e os restantes elementos do modelo. Invocar uma “globalidade” atmosférica não explica nada² (p. 37).

Esta observação corrobora a relevância das ferramentas e estratégias empregues pela Sociologia e consubstancia uma fórmula metodológica que corresponde ao espírito da obra e ao objetivo do capítulo – como explicar, de forma intrincada, sistematizada e inteligível, em História Global.

¹ Sobre o uso do conceito de “mecanismo” é destacado o artigo de Nancy Cartwright, “Causal Inference” in Cartwright, Nancy and Montuschi, Eleonora (eds.) (2014), *Philosophy of Social Science: A New Introduction*, Oxford: Oxford University Press.

² Tradução direta. As citações utilizadas na recensão são traduções do autor.

Valeska Huber, no seu capítulo, “Openness and Closure: Spheres and Others Metaphors of Boundedness in Global History”, tece uma crítica à terminologia consagrada na História Global que não se limita a reproduzir a tese, consensual, de que os desequilíbrios, divergências e exclusões devem ser contemplados nos processos globais. Esse reconhecimento generalizado, segundo a autora, não se traduz numa rutura com a predisposição para se privilegiarem noções de abertura, circulação e fluidez – muitas vezes difusas e intangíveis – que atribuem um carácter amórfico ao Global. Como tal, face à inadequação de conceções e metáforas empregues nesta área, Huber examina o potencial analítico do conceito de “esferas”, considerando-o como um espaço demarcado de inclusões e exclusões, ideal para captar as tensões, condicionamentos, exclusões e limites da globalidade, cuja aplicabilidade se divide em duas modalidades distintas.

A autora explica que esfera pode-se reportar à dimensão circunscrita do globo, apresentando-se como uma amálgama de visões de globalidade e humanidade que surge, sobretudo, em discursos de “mundos fechados”. Em alternativa, esfera pode configurar um carácter “multiesférico”, isto é, referir-se a diversos domínios mais concretos – políticos, económicos, sociais, comunicacionais, etc. – assumindo uma dimensão que sendo global, é, simultaneamente, excludente e restringida a determinadas regiões ou a segmentos populacionais. Ambas as variantes contestam o carácter amórfico e fluído do global e “orientam-se, em vez disso, para ideias de delimitação e de estabelecimento de fronteiras” (p. 146-147), argumento corroborado pela diversidade de exemplos fornecidos por Huber³. Creio, no entanto, que a noção “multiesférica” merece ser destacada, a partir da imagem de “esfera pública”, porque esta revela explicitamente a tensão entre abertura e fechamento e a pertinência de se idealizarem fronteiras numa perspetiva social e comunicacional. Em princípio, “esfera pública” está associada à ideia de abertura e inclusão, porém, a autora demonstra como um conjunto de fatores – raça, classe, género, literacia, acessibilidade tecnológica – pode contribuir para a exclusão de certos indivíduos. Esta constatação reforça a premência de “uma mudança das unidades geográficas (e a sua desconstrução) para a análise das unidades sociais, de modo a revelar mais claramente as desigualdades e as hierarquias globais” (p.160). Em suma, o conceito de “esfera” representa uma adição preciosa à linguagem da História Global pelo seu valor metacognitivo e metodológico, contribuindo para a captação das contradições da globalidade numa lógica não dicotómica e valorizando a dimensão social em contextos globais.

Outra forma de conceber a exclusão social é desenvolvida no artigo de

³ Para a primeira versão, atente-se nas páginas 148-152.

Jeremy Adelman, “Distance: A Problem in Global History”, associada à noção de distância. O autor propõe a resignificação urgente desta concepção, procurando, paralelamente, realçar as consequências da replicação de vieses historiográficos. A distância emerge, frequentemente, como sendo preexistente e exógena à condição humana, quando, na verdade, ela é um efeito da ação do Homem por assumir contornos sociais e não apenas físicos. Nesta linha de pensamento, Adelman esclarece que no momento em que a distância física se tornou uma relíquia do passado, transformou-se numa configuração social, oferecendo um exemplo paradigmático: o cruzeiro Zaandam durante a pandemia de COVID-19. Nessa ocasião, a “aldeia global” viu-se atravessada por barreiras, criadas por decreto, que visavam determinar quem tem direito a ser cidadão ou a ter um Estado sob a égide da saúde coletiva. Este fenómeno reflete, claramente, como a mobilidade e a circulação internacionais empurraram, em sentido contrário, milhões de indivíduos para redes e mecanismos de controlo, distinção e exclusão – corporizados em tribunais, polícias fronteiriças, campos vedados, passaportes –, destinados a mitigar os efeitos da integração nos Estados-nação.

O raciocínio de Adelman, alerta, habilmente, o leitor para o perigo de reproduzir ideias preconcebidas, concretamente a ideia de um mundo global, com uma dinâmica capitalista, universal e sincronizada. Esta, aliás, foi desmentida por intermédio de diversos fenómenos como o *Brexit*, a eleição de Donald Trump, o deflagrar da guerra da Ucrânia. Felizmente, após uma tendência inicial para a História Global considerar que o aumento de escalas reduziria a relevância da distância, verificou-se o reconhecimento e uso de noções como “mobilidade”, “proximidade”, “intercâmbio” e “conexão” desbravaram rotas de exploração distintas que não dissolveram a sensação de distância, conferiram-lhe, antes, uma nova roupagem. A distância merece, de facto, uma resignificação na disciplina, porém, creio que a maior virtude do texto reside na reflexão que o autor protagoniza ao insistir na imprescindibilidade de repensarmos a direcionalidade da historiografia global, dos seus conceitos operativos e unidades de análise: “Quanto mais cedo nos conseguirmos livrar de narrativas que implicam uma lógica singular ou uma mudança inevitável de um mundo de aldeias para a aldeia (...), melhor” (p. 234).

Rethinking Global History confirma o seu carácter reflexivo e não prescritivo ao não incluir uma conclusão, realçando, assim, as principais características da obra: o questionamento sobre o *modus operandi* da História Global e a reflexão sobre potenciais perspetivas metodológico-concetuais, exercícios que nunca serão dados por terminados. Aliás, as questões abertas que pairam por toda a obra, inspiram estudos similares que abordem conceitos e imagens

não esmiuçadas: “redes”, “periferia”, “cadeia”, “difusão”. “agência”, “estrutura”, entre outros. De resto, importa salientar que o livro corresponde aos objetivos enunciados e constitui um marco decisivo para o desenvolvimento de uma nova História Global, consciente das suas limitações e potencialidades e, sobretudo, capaz de mobilizar metodologias e instrumentos de análise que capturem a natureza múltipla e por vezes contraditória dos seus objetos. Não obstante, teria sido interessante que a segunda parte do livro, “Concepts and Metaphors”, explorasse mais metáforas conceituais, atendendo à importância que a linguagem figurativa assume no imaginário do campo, em função das suas implicações ao nível da metodologia, conceitos e direcionalidade.

BERNARDO DE ALMEIDA HENRIQUES

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

bernardodealmeidahenriques@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6480-0443>

